

## Avaliação da prática de automedicação

Horacinna Maria de Medeiros Cavalcante<sup>1</sup>  
Maria Eleidiane Soares Mamede<sup>2</sup>  
Francisco Orlando Rafael Freitas<sup>3</sup>  
Jalles Dantas de Lucena<sup>3</sup>  
Rafael Nascimento da Silva<sup>3</sup>  
Stefânia da Rocha Nogueira<sup>3</sup>  
Valmênio Soares Costa<sup>3</sup>

**Resumo** -A automedicação é um procedimento caracterizado pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita que lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas. Este estudo teve como objetivo avaliar a influência da USF Osman Ayres de Araújo, de Patos-PB, no controle às práticas de automedicação, na população por ele atendido. Tratou-se de uma pesquisa exploratória-explicativa, com abordagem quantitativa. Participaram do estudo 120 pessoas, homens e mulheres. Os resultados demonstraram que a grande maioria dos pacientes já praticou automedicação, embora a considerem uma prática perigosa. A influência maior se deu por parte dos familiares. Quase 90% dos entrevistados relataram receber informação da unidade de saúde sobre o uso de medicamento, qualificando esta informação como suficiente. Dessa forma, se faz necessário que esta temática seja discutida de forma sistemática promovendo o entendimento de toda a sociedade.

**Palavras-chave:** Automedicação; Serviço de Saúde; Conscientização

**Abstract** -The self-medication is a procedure characterized by the initiative of a patient, or of your responsible, in to obtain or to produce and to use a product that believes that will bring their benefits in the treatment of diseases or relief of symptoms. This study had as objective evaluates the influence of USF Osman Ayres de Araújo, of Patos-PB, in the control to the self-medication practices, in the population for him assisted. It was treated of an exploratory-explanatory research, with quantitative approach. They participated in the study 120 people, men and women. The results demonstrated that the patients' great majority already practiced self-medication, although they consider it a dangerous practice. The larger influence felt on the part of the relatives. 90% of the interviewees almost told to receive information of the unit of health on the medicine use, qualifying this information as enough. In that way, it is done necessary that this thematic one is discussed in a systematic way promoting the understanding of the whole society.

**Word-key:** Self-medication; Service of Health; Understanding

1. Professora Doutora das Faculdades Integradas de Patos (FIP).
2. Bacharel em Enfermagem pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP).
3. Acadêmicos de Enfermagem das Faculdades Integradas de Patos (FIP).

## 1 Introdução

Intimamente ligada a uma questão cultural que tem origem em nossas raízes, a automedicação se tornou uma alternativa arriscada e perigosa à saúde que abrange todo o Brasil, principalmente em cidades do interior, onde a escassez do número de profissionais da medicina é bastante elevada. Mesmo na maioria dos países industrializados, a ida à farmácia representa a primeira opção procurada para resolver um problema de saúde.

De acordo com Paulo e Zanini (1988), a “a automedicação é a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado”. Entre os medicamentos mais utilizados estão aqueles comprados sem a necessidade de uma prescrição médica, como os medicamentos para gripe, mal estar, dor de cabeça e febre.

São vários os motivos pelos quais as pessoas se automedicam. As campanhas publicitárias que, de forma massiva e desenfreada, têm associado os medicamentos à cura de várias enfermidades; a grande demanda nas consultas médicas, que geram assim, dificuldades em se adquirir a opinião de profissionais da saúde; a indicação de parentes, amigos e até do próprio balconista da farmácia são exemplos das inúmeras razões que levam as pessoas a utilizarem o medicamento mais próximo (BRASIL, 2006).

A automedicação torna-se perigosa exatamente pelo encontro de uma substância quimicamente ativa com características farmacológicas intrínsecas com um indivíduo de características de personalidade e singularidade biológica pertencente a um contexto sócio-econômico dinâmico e polimorfo. Como nenhum fármaco é inócuo ao organismo, a incidência de efeitos indesejáveis tem aumentado a cada dia, levando à iatrogenia medicamentosa, causa de elevado número de hospitalizações (GARRAFA, 1983).

Embora deva ser intensamente combatida, não há nenhum gesto objetivo para o desestímulo a automedicação por parte das autoridades públicas no contexto nacional, o que faz pressupor não ser este assunto de relevância na visão dos órgãos responsáveis.

A automedicação é costumeiramente utilizada na cultura brasileira, a qual pode ser perigosa já que muitas vezes pode culminar em quadros de intoxicação, uma vez que a relação saúde/medicamento faz com que os pacientes abusem das drogas. Esta prática encontra-se associada diretamente à falta de boa informação e o baixo poder aquisitivo da população. Nesse contexto é importante relacionar automedicação e Programa Saúde da Família, tendo em vista à prevenção, promoção e recuperação da saúde, tornando o atendimento da equipe de saúde mais acessível a essa população. Diante do exposto o presente trabalho teve como

objetivos: avaliar a influência da Unidade de Saúde da Família Osman Ayres de Araújo, do município de Patos-PB, no controle às práticas de automedicação, na população em que foi implantado, identificando os principais fatores que contribuem para a automedicação; bem como informar os moradores atendidos nessa unidade de saúde quanto aos riscos da automedicação.

## 2 Material e Métodos

O estudo foi do tipo exploratório-explicativo, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada na Unidade de Saúde da Família Osman Ayres de Araújo, no município de Patos, PB. A população do estudo foi composta de homens e mulheres atendidos na referida Unidade de Saúde. A amostra foi composta por pacientes assistidos no serviço no período da coleta dos dados, que aceitarem participar da pesquisa, mediante compreensão e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido de acordo com a Resolução 196/1996 do Ministério da Saúde que regulamenta pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1996). Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista composto por duas etapas. A primeira formada por seis questões objetivas relacionadas aos dados sócio-demográficos e, a segunda, por nove questões objetivas referentes a automedicação. A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro e dezembro de 2008. Os dados foram colocados em forma de gráficos e analisados à luz da literatura.

## 3 Resultados e discussão

Tabela 1. Distribuição dos entrevistados segundo

Características	Variáveis	%
Faixa etária	Até 20 anos	5,83
	21 a 40 anos	21,67
	41 a 60 anos	32,5
	Mais de 60 anos	40
	Total	100
Gênero	Masculino	23,33
	Feminino	76,67
	Total	100

Grupo Étnico	Branco (a)	89,17
	Não-Branco (a)	10,83
	Total	100
Estado Civil	Solteiro (a)	31,67
	Casado (a)	44,17
	Viúvo (a)	16,67
	Separado (a)/Divorciado (a)	5,83
	Outros	1,67
	Total	100
Escolaridade	Analfabeto	12,5
	1º grau incompleto	39,17
	1º grau completo	11,67
	2º grau incompleto	5,83
	2º grau completo	25
	Superior incompleto	2,5
	Superior completo	3,33
	Total	100
Renda Familiar Mensal	Menos de 1 SM	31,67
	De 1 a 2	51,67
	Entre 2 e 3	10,83
	Acima de 3	5,83
	Total	100

Fonte: Pesquisa direta (2008)

Estudos de base populacional, realizados em vários países, mostram que a utilização de medicamentos está influenciada, entre outros, pelo sexo, idade, grau de escolaridade, renda familiar mensal, classe social, ocupação, número de residentes no domicílio, número de consultas médicas, autopercepção do estado de saúde e cuidados com a saúde (ARRAIS, et al., 2005).

Os resultados do presente estudo mostram que 80% dos pacientes entrevistados no período da coleta de dados, já praticaram automedicação e que, destes, 76,67% eram mulheres. Vários trabalhos, como o de Arrais et al. (1997), têm descrito uso mais frequente de automedicação entre mulheres do que entre homens. Isso sugere que são as mulheres as que mais frequentam a unidade de saúde.

A idade prevaiente foi a superior a 60 anos (40%). Os extremos etários são considerados como os maiores consumidores de medicamentos (VILARINO et al., 1998).

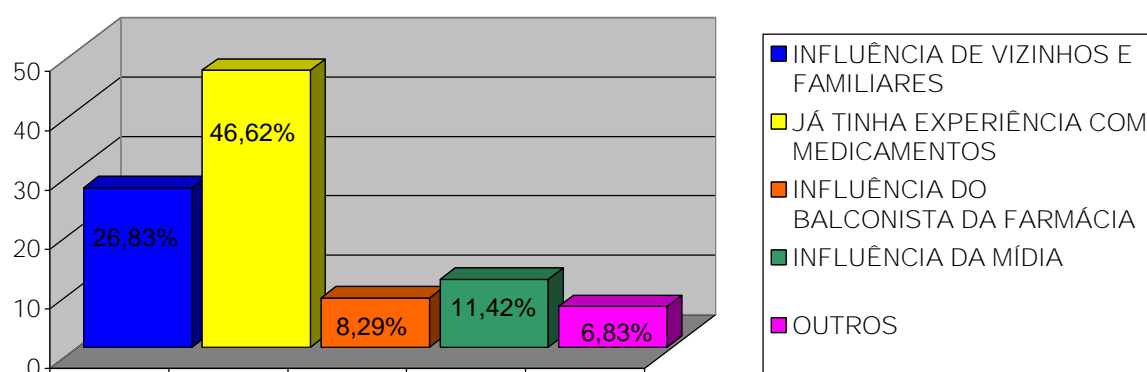
Em relação ao estado civil, verificou-se que 44,17% são casados e 31,67% são solteiros. Este fato demonstra a influência dos que habitam na mesma residência no que concerne ao uso de medicamentos por conta própria.

Quanto à escolaridade, constou-se que grande parte dos entrevistados possui o ensino fundamental incompleto (39,17%), enquanto apenas 3,33% possuem o superior completo. Isso contraria Vilarino et al. (1998), que em seu estudo acusa maior consumo de medicamentos entre os que frequentaram a escola por mais tempo.

Outro dado importante da pesquisa é a renda mensal dos entrevistados. A maioria (54,67%) relatou ganhar por mês uma média de dois salários mínimos.

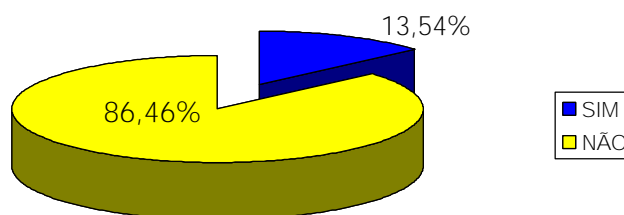
Com relação às questões referentes à automedicação, a distribuição dos dados encontra-se nas figuras a seguir.

Gráfico 1. Distribuição da amostra segundo os motivos para justificar a automedicação



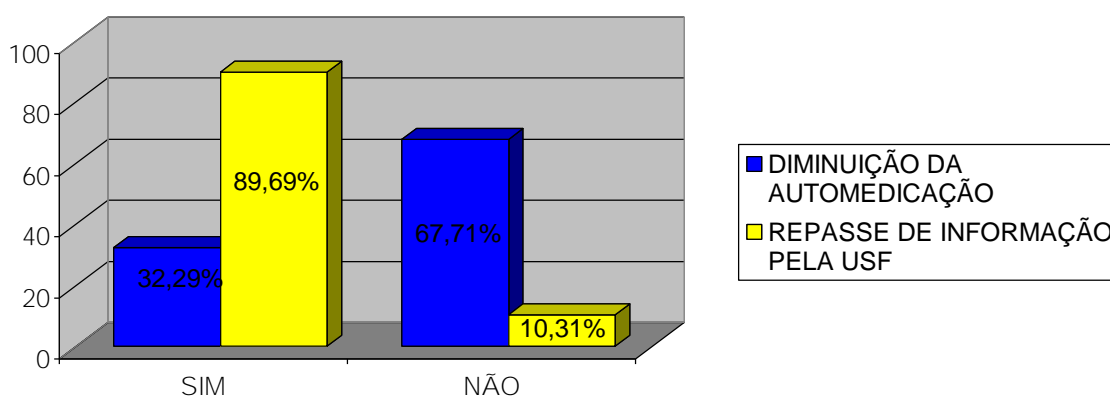
O gráfico 1 revela que 46,62% dos pacientes que se automedicam o fazem porque já tiveram experiência com o medicamento, concordando com o trabalho de (VILARINO et al., 1998) onde o percentual foi o maior entre os demais. A influência de familiares e vizinhos esteve presente em 26,83% dos entrevistados. Compartilhar medicamentos com outros membros da família ou outros moradores do domicílio é uma das modalidades de automedicação que podem ser favorecidas por um maior número de moradores do domicílio (LOYOLA FILHO et al., 2002). 8,29% recorreram à opinião do balconista da farmácia onde compraram o medicamento e 11,42% sofreram influência da mídia. A predominância do uso de medicamentos por mulheres é parcialmente atribuída à exploração pela propaganda de medicamentos de papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres, dentre eles o de prover a saúde da família (ARRAIS et al, 1997).

Gráfico 2. Distribuição da amostra referente a presença de efeitos colaterais após a automedicação



Em relação a ocorrência de efeitos adversos relacionados as medicamentos tomados sem prescrição médica, 86,46% relataram não terem observado nenhuma alteração no organismo, enquanto 13,54% afirmaram que sim. Estudos conduzidos em países desenvolvidos e em desenvolvimento têm mostrado que o hábito de automedicação está associado à presença de sinais e sintomas menores onde os medicamentos apresentam menores chances de provocarem efeitos colaterais (LOYOLA FILHO et al., 2002), já Vilarino et al. (1998) diz que o alívio momentâneo dos sintomas pode encobrir uma doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir.

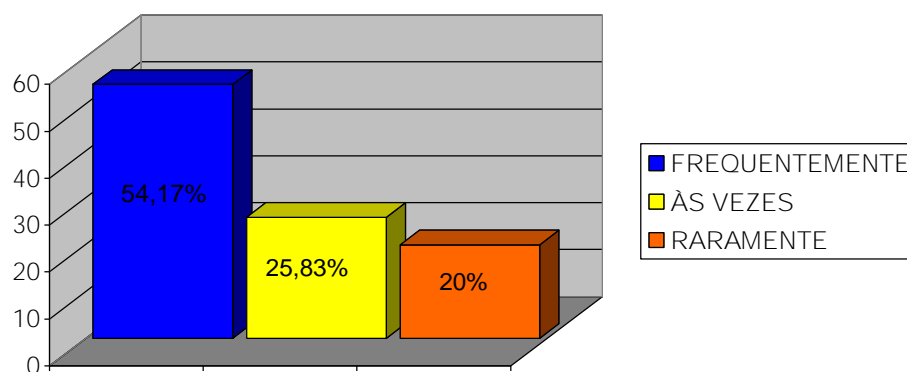
Gráfico 3. Distribuição da amostra segundo dois critérios: a diminuição da automedicação depois da implantação da USF Osman Ayres de Araújo e o repasse de informação desta unidade aos pacientes sobre o uso de medicamentos



A estratégia do PSF prioriza as ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde das pessoas de forma integral e contínua (BRASIL, 2001). O gráfico 4 mostra o contraste existente entre o repasse de informação aos pacientes atendidos pela USF Osman Ayres de Araújo sobre o uso de medicamentos e a diminuição das práticas de automedicação. 89,69% dos entrevistados relataram que os profissionais de saúde desta UBS influenciam no uso de medicamentos por parte dos pacientes, onde 67,1% consideram positiva esta influência. É de responsabilidade destes profissionais alertar a população no que se refere aos

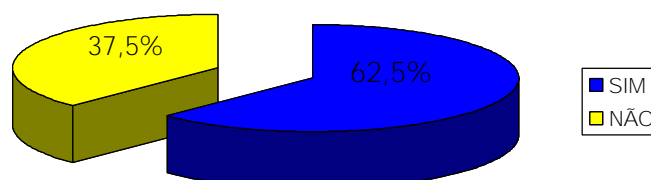
cuidados com a saúde ao uso de medicamentos (BRASIL, 2006). Constatou-se ainda, que apenas um terço dos atendidos na referida USF (32,29%), reduziu a prática de automedicação por influência da unidade de saúde.

Gráfico 4. Distribuição da amostra com relação a frequência de consultas na USF



Os entrevistados foram questionados quanto à frequência de consultas na referida Unidade de Saúde. Mais da metade dos pacientes que se automedicam revelou ir frequentemente a UBS. A influência do padrão de uso de serviços de saúde na automedicação é controversa. Em um estudo realizado no Canadá, verificou-se que a automedicação era mais frequente entre aqueles que usavam serviços de saúde com mais frequência, ao passo que em outro trabalho o oposto foi observado. Alguns autores consideram que a existência de associação negativa entre a automedicação e o uso de serviços de saúde seria um indicador de que o consumo de medicamentos sem receita substitui a atenção formal à saúde (LOYOLA FILHO et al.,2002).

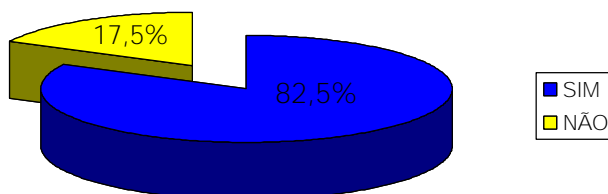
Gráfico 5. Distribuição da amostra referente a alguns cuidados como ler a bula e observar a validade de todos os medicamentos antes de consumi-los



Quanto às práticas de cuidados com os medicamentos antes de consumi-los o gráfico 6 mostra que 62,5% leem a bula e observam a data de validade de todos os medicamentos que utilizam, enquanto 37,5% não tomam estes cuidados. Estes dados mostram que os pacientes se preocupam em garantir uma tomada segura dessas drogas demonstrando que o

conhecimento adquirido ao longo da vida, e isso torna o indivíduo mais confiante para se automedicar.

Gráfico 6. Distribuição da amostra segundo a opinião dos entrevistados quanto a periculosidade da automedicação



Este último gráfico retrata a opinião dos entrevistados quanto à periculosidade da prática de automedicação, onde 82,5% confessaram achar a automedicação uma prática arriscada, enquanto 17,5% disseram o contrário. Segundo Vilarino et al., (1988), a automedicação é um fenômeno potencialmente nocivo à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo.

É importante compreender que em todo caso não se pode condenar o ato de se automedicar porque seria socioeconomicamente inviável o atendimento por um médico para a solução de todos os sintomas da população.

#### 4 Considerações finais

A automedicação é um problema universal, antigo e de grandes proporções. Pode ser considerada uma forma de não adesão às orientações médicas e de saúde, onde fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a difusão desta prática no mundo, tornando-a um problema de saúde pública. Dessa forma, o propósito metodológico deste estudo foi analisar a influência de uma específica unidade básica de saúde na prática de automedicação pelos pacientes atendidos por ela.

Diante dos resultados apresentados, verificamos que é alta a quantidade de pessoas que já se automedicarão e que a maioria delas é do sexo feminino, na terceira idade. Para a maior parte dos entrevistados o motivo que justificava essa prática era uma experiência anterior com o medicamento consumido, vindo principalmente pela influência de vizinhos e familiares.



Foi possível observar que, apesar de muitos considerarem a automedicação uma prática perigosa, continuam a fazê-la e veem resultados satisfatórios.

Com relação a influência da unidade de saúde, onde o estudo foi realizado, sobre esta prática, concluímos que houve uma redução desta última, devido a oportunidade de consultas mais frequentes com o médico, mas ainda continua elevado a porcentagem dos que se automedicam.

O interessante também, é ver que mais da metade dos entrevistados fazem consulta frequentes a USF, onde o que se esperava que, pelo percentual elevado dos que usam medicação por conta própria, raramente procurariam um médico.

Não há como acabar com a automedicação. Há, contudo, meios para minimizá-la e é nesse contexto que os profissionais de saúde, através de programas como o de Saúde da Família (PSF), devem atuar.

#### Referências

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(6):1737-1746, nov-dez, 2005.

\_\_\_\_\_. Perfil da automedicação no Brasil Rev. Saúde Pública vol. 31 n.1 São Paulo Feb. 1997.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. O trabalho dos agentes comunitários de saúde na promoção do uso correto de medicamentos. – 2. ed. Ver – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Normas para pesquisa envolvendo seres humanos: (Res. CNS 196/96 e outros). Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Instituto para o Desenvolvimento da Saúde. Manual de Enfermagem. Universidade de São Paulo. Brasília, DF: MS, 2001, p. 149.

GARRAFA, V. Contra o monopólio da Saúde: temas para debate. Rio de Janeiro: Achiami, 1983.

LOYOLA FILHO, A. I. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Rev. Saúde Pública vol.36 n.1 São Paulo Feb. 2002.

PAULO, L. G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. Rev. Ass. Med. Bras., v. 34, p. 69-75, 1988.

VILARINO, J. F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil Rev. Saúde Pública vol. 32 n. 1 São Paulo Feb. 1998.